

***RESENHAS/
REVIEWS***

BASTIDORES DO ROMANTISMO BRASILEIRO

Emerson Calil ROSSETTI¹

MACHADO, U. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. 312 p.

Em *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*, o jornalista, biógrafo, tradutor e ensaísta Ubiratan Machado faz uma incursão extremamente significativa por um dos momentos mais importantes da história da cultura e da definição nacionalista da literatura brasileira. Ao tratar do período de consolidação que se seguiu ao processo de Independência (1822), o ensaísta documenta as dificuldades que se colocaram à instauração das letras com expressão marcadamente nacional num país ainda preso à tradição colonial, cujos destinos continuavam sendo definidos por uma elite escravocrata e, portanto, conservadora. A leveza do estilo, que confere ao texto de Ubiratan Machado um teor de crônica da nossa vida literária, informa com precisão o esforço realizado para a construção e afirmação das nossas letras num contexto em que as condições pouco estimulavam a produção artística.

Apresentado em vinte capítulos, o estudo contempla os principais elementos que participaram da criação da literatura brasileira no Romantismo: artistas, editores e público leitor. A organização do estudo permite uma visão panorâmica dos aspectos abordados por Ubiratan Machado: 1) “Despertar de uma nação” aborda as questões relativas à vida política e à modernização da sociedade após a independência; 2) “Em defesa da pátria” mostra o envolvimento de estudantes e escritores com causas sociais tais como a Abolição e a Guerra do Paraguai; 3) “Surge um público para a literatura” trata da leitura – prática da família, das mulheres e dos estudantes –, além do surgimento e do êxito do folhetim nacional; 4) “As livrarias e a vida literária” fala a respeito do crescente comércio livreiro no Rio de Janeiro, em São Paulo, Recife, São Luís e Salvador, sinal do país que se civilizava aos poucos; 5) “Editores e *best-sellers*” expõe as difíceis condições de publicação e o prestígio alcançado por alguns romancistas e poetas; 6) “D. Pedro II: a vida literária no Paço” explicita o estímulo do Imperador à produção literária no Brasil e as divergências estabelecidas entre o monarca e José de Alencar; 7) “Do gênio ao poeta de água doce” discute a crescente popularidade da poesia e dos poetas e as modas literárias que tomaram conta do ambiente: acrósticos, baladas e charadas; 8) “No tempo dos recitativos” revela a importância dos declamadores que levaram a literatura aos teatros e às ruas, o que contribuiu

¹ Mestre em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP – emersonrossetti@laser.com.br

significativamente para a democratização da arte naquele momento; 9) “Grandes salões, salas modestas” apresenta as condições em que se deu a intensificação da vida social e literária, impulsionada pelo prestígio dos escritores; 10) “O bom e mau humor romântico” apresenta a licenciosidade, a pornografia e a sátira presentes em muitos poemas cuja venda se fazia com cautela e em lugares restritos; 11) “Vida de estudantes e vida profissional” demonstra a relação entre os jovens e a literatura, divididos entre as obrigações acadêmicas, o engajamento social e a agitação da vida nas repúblicas; 12) “Vida boêmia” contempla as noitadas e os hábitos desregrados dos estudantes, estimulados pela influência de Byron, comportamentos causadores de desconforto e polêmica na sociedade bem comportada; 13) “Bibliotecas públicas e particulares” retrata as condições em que se dá a constituição do acervo de bibliotecas naquele período; 14) “Música, divina música” explica a relação entre música, literatura e sociedade; o piano, o violão e as modinhas animam as reuniões; 15) “Nascimento da crítica” discute as polêmicas da crítica literária cuja prática vai do rigor à complacência determinada pelos laços de amizade; 16) “Polemistas para o que der e vier” dá conta dos desentendimentos gerados pelas diferenças políticas e estéticas no meio intelectual, contemplando o ataque demolidor de José de Alencar contra *A Confederação dos Tamoios*; 17) “A mulher e a vida literária” aponta para a crescente participação feminina na vida social, modificação que se vai percebendo a partir da década de 50; 18) “Sociedades literárias” trata da formação de agremiações estudantis que discutem questões estéticas nas principais cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Paulo; 19) “Teatro: vida literária e vida social” aborda as condições em que se dá a afirmação do teatro nacional e a relação entre público, artistas e o Imperador, assíduo e sonolento espectador; 20) “Teatro: êxitos e fracassos” apresenta a influência de peças estrangeiras em nossos palcos e a contribuição de João Caetano, Martins Pena, Macedo e Alencar, entre outros, para a constituição da nossa dramaturgia.

Nota-se que a abordagem de Ubiratan Machado resulta de uma ampla e cuidadosa pesquisa que visa à compreensão de todos os segmentos que interferem na constituição do perfil da literatura brasileira à época do Romantismo. Quanto aos gêneros, deve-se ressaltar a preocupação do autor no tratamento das modalidades mais significativas da segunda metade do século XIX: o romance, a poesia e o teatro.

É bem verdade que os textos de ficção tornam-se pretextos ou ilustrações das teorias apresentadas quando poderiam contribuir para o aprofundamento das questões problematizadas pelo ensaísta se tratados com maior atenção, apoiados numa análise mais cuidadosa e reveladora a fim de estabelecer o real sentido entre as condições externas e a matéria ficcional delas nascida.

Mas nem por isso o estudo de Ubiratan Machado deixa de ser indispensável. É antes revelador de hábitos e valores que marcaram a consolidação de nossas letras, demonstrando as nossas condições culturais e, segundo Ronaldo de Melo e Souza, no prefácio à obra, a “relação problemática entre literatura e sociedade no Brasil de

ontem e de hoje” (SOUZA, 2001, p. 12). A leitura atenta faz compreender o profundo descompasso entre a instauração e a afirmação de um projeto literário e a mentalidade conservadora em que se sustentavam a classe política e a classe dominante, o que acabou por restringir a circulação efetiva e livre das obras literárias e não promoveu, no campo intelectual, a verdadeira revolução que também não se verificou na estrutura social e política do Brasil, fazendo surgir uma literatura da fenda aberta entre o projeto intelectual de modernização e nacionalismo e as contribuições das organizações sociais ainda ligadas a interesses classistas e específicos.

Referência

SOUZA, R. de M. Prefácio. In: MACHADO, V. **A vida literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.p.11-4.

